

PAULO FREIRE “ESPERANÇA SEMPRE RENOVADA” E A ATUAL CONJUNTURA DA EDUCAÇÃO

SILVEIRA, Sabrina Senra da¹

ROSA, Tairine de Oliveira²

SILVA, Alex Amaral da³

Resumo:

Este presente artigo tem como objetivo trazer dados da atual realidade educacional, abordando elementos estruturantes de sociedade, tais como as grandes desigualdades sociais e injustiças vivenciadas em nosso dia-a-dia. Considerando fatos como a luta dos cidadãos e trabalhadores contra o fatalismo desesperançoso imposto por este sistema opressor no qual veementemente estamos lutando para sobreviver, superando todas as *situações-limites* apresentadas, através dos atos de denunciar, anunciar e agir. Enfatizando, ainda o nosso desejo de mudança, a paixão pelos nossos sonhos e a renovação de nossa esperança, advinda da contribuição e presença de Paulo Freire em nossas vidas. Este alimentando nossa utopia e fortalecendo nossas ações, a realização de *inéditos-viáveis*, em prol de uma sociedade menos feia, mais justa, mais democrática e mais humana, ratificando a consciência da nossa força e do poder que cada um de nós tem, e que, coletivamente temos ainda mais.

Palavras-chave: Indignação. Luta. Sonhos. Esperança. Humanização.

Atual Conjuntura da Educação

Atualmente, estamos vivendo tempos de desesperança, onde parece haver uma inversão de valores. Para muitos a moral foi subvertida por valores em contas bancárias, por cifras, e a estes, ditos “poderosos”, os “direitos” parecem não ter fim, são infinitos; já para as classes menos favorecidas, quase nada favorecidas, oprimidas e marginalizadas só cabe à

¹Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS e Professora da Rede Estadual do Rio Grande do Sul e da Rede Municipal de Viamão-RS. email: sabrina.silveira@acad.pucrs.br

²Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. email: tairineolir@gmail.com

³Licenciado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. email: alexamaral93@hotmail.com

tentativa de sobreviverem e tentar não serem devoradas por este sistema opressor onde, desumanamente, as desigualdades sociais são ignoradas e se tornam cada vez maiores.

As estruturas socioeconômicas atuais são injusta, desumanas e antiéticas porque proíbem o ser humano de se realizar em sua vocação ontológica. Lutar contra a malvadez do capitalismo e a barbárie econômica que mata milhões de pessoas é um imperativo ético (TROMBETTA; TROMBETTA, 2010, p. 167).

São vergonhosos e exorbitantes os números da corrupção, da impunidade e da desonra, e também enorme é a minha indignação, pois até o direito de lutar estão tentando nos roubar.

Nós educadores comprometidos com uma *educação libertadora e humanizadora* temos a responsabilidade de criar e recriar novas oportunidades para a melhoria do nosso sistema educacional, e conseqüentemente da nossa sociedade; todavia isso não se dá de uma hora para a outra; é algo em processo e que requer um movimento coletivo, não apenas de nós professores mas também de nossos governantes, e estes, lamentavelmente, parecem não estar do nosso lado.

Atualmente, o governo tem visto-nos como inimigos, como se estivéssemos lutando em lados opostos. O movimento da categoria de professores, em prol de melhores condições de trabalho, para recebimento de nossos salários e pela nossa valorização, é depreciado por aqueles que eleitos foram para serem nossos representantes.

Democraticamente, esses governantes foram eleitos por nossos votos e agora através de uma ditadura velada querem denegrir a nossa luta. Tentam calar a nossa voz e matar a nossa dignidade, mas não podem impedir a nossa indignação, e, portanto, a nossa força, o desejo de lutar pelos nossos direitos e sonhos.

Considerando, em comunhão com o pensamento da autora Ana Lúcia Souza de Freitas, que “sonhar é imaginar horizontes de possibilidades”. É vislumbrar novas alternativas! É acreditar! É persistir sempre! E lutar por elas! Sendo ainda que:

A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui-se numa atitude de formação que orienta-se não apenas por acreditar que as *situações-limite* podem ser modificadas, mas, fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constante e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos *temas-problemas* sociais que as condicionam. O ato de sonhar coletivamente, na dialeticidade da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção desta superação, carrega em si um importante potencial (trans)formador que produz e é produzido pelo *inédito-viável*, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria dos *sonhos possíveis* (FREITAS, in FREIRE, 2001, p. 29-30).

Dessa forma, façamos dos nossos sonhos uma forma de luta pelas causas nas quais acreditamos; sonhemos sim, mas não sozinhos e isolados; sonhemos coletivamente, pois este

é um “movimento transformador e esperançoso” (FREITAS, 2001, p.127), fortalecendo nossa constante busca, potencializando as nossas conquistas, a superação das dificuldades, e a transformação da nossa sociedade.

Visto que, de acordo com as palavras de Paulo Freire, “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (1992, p. 91).

A autora Ana Lúcia Souza de Freitas acrescenta ainda, que “o *sonho* [...] tem forte conotação política e está associado à visão de *história como possibilidade*” (2010, p. 380), e não como algo determinado e imutável.

[...] o sonho, a esperança, o entusiasmo, a imaginação e a alegria dialetizam-se na historicidade que constrói sua impossibilidade de ser. [...] é na luta, que se faz também de indignação, de inconformismo, de raiva e de radicalidade, que se constrói uma perspectiva de futuro capaz de manter viva a esperança, indispensável à alegria de ser e de viver. [...] torna-se fundamental exercer-se como sujeito, assumindo posição e tomando partido na luta de interesses que constrói a *história como possibilidade* (FREITAS, 2001, p.127).

Assim, de nada adianta, eles fazerem uso de “força” policial, pois a força maior vem dos nossos corações, das entranhas do povo, de nós sujeitos, que unimo-nos e, ao continuarmos acreditando, bravamente fazemos a história, sem perder a esperança.

O autor Danilo R. Streck, com base em Paulo Freire, esclarece-nos que a esperança é “*necessidade ontológica, um imperativo excepcional e histórico*” (2010, p. 161), e ainda que “não há esperança na *pura espera*, isto é, na imobilidade e na paralisia. Se a meta é a criação de um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje” (ibidem).

Assim, luta-se! Luta-se porque, além de ser um direito, dignamente é o que se pode fazer até o nosso fim. Precisamos renovar a nossa esperança e continuar lutando sempre. Ainda que oprimidos e desanimados muitas vezes, sabemos que unidos somos fortes, que somos nós quem temos o poder, pois somos todos seres políticos, de posicionamento e decisões, de escolhas e ideologias, portanto, cabe a nós agirmos!

Esperança Sempre Renovada

Por diversas vezes nos sentimos encurralados e nenhuma direção parece levar-nos a lugar algum, como se todos os caminhos a nossa volta levasse-nos a um enorme abismo, porém há algo ou alguém dentro de nós que nos fortalece, que alimenta nossas esperanças e sonhos, que nos encoraja a não desistir jamais.

Permito-me destacar apenas um dos muitos nomes que contribuem para a constituição de minha identidade tanto profissional quanto pessoal, aquele cuja *amorosidade* e a fé nas pessoas dedicou sua vida na busca por um mundo mais justo, mais humano e sem

tantas desigualdades – Paulo Freire – um semeador de sonhos, um educador utópico, mas não aquele do censo comum, das frases bonitas e de efeito no início de capítulos, e sim aquele que vive e está presente não apenas em encontros de formação pedagógica, mas também nos encontros da vida, do nosso dia-a-dia, nos movimentos de luta e de criação por melhores condições.

Paulo Freire, aquele que acreditava no movimento de *conscientização* dos sujeitos como agentes transformadores da própria realidade social na qual estão inseridos. Cabe destacar aqui que esse movimento é, na visão de Freire, característico de uma consciência crítica desenvolvida através da reflexão, do diálogo, da troca de experiências e da partilha de saberes vivenciados diariamente.

Jaime José Zitzoski salienta ainda que:

através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. [...] o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos *dizer o mundo* segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma *práxis social*, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora (2010, p. 117).

Ana Lúcia Souza de Freitas esclarece-nos também que:

Mediante a experiência do diálogo, educador e educando constituem-se mutuamente, configurando um processo educativo humanizador. A postura dialógica, como fundamento do processo libertador, concretiza a educação como uma prática social potencialmente transformadora (2014, p.104-105).

Penso, desta forma então, que se não houver um verdadeiro diálogo crítico-reflexivo, claro e coerente, aliando discurso, teoria e prática, com participação ativa e o empenho de todos no processo de construção da mudança, os avanços rumo à *reinvenção* da escola, da educação e da sociedade serão limitados e insuficientes.

É, pois, necessário bem mais do que boas intenções aos ditos políticos que apenas querem nossos votos; é preciso que estes realmente sejam políticos, mas não porque têm um cargo, e sim porque defendem uma causa, fazem suas opções e esforçam-se na realização de seus grandes ideais; bem como nós políticos/educadores/cidadãos que mesmo sob violência recusamo-nos à alienação e continuamos conscientemente lutando, eticamente, sem desistir dos nossos sonhos, direitos e ideais, contra toda e qualquer forma de opressão.

Assim, mesmo levando em consideração todos os dessabores que estamos vivendo nos últimos tempos, beirando o fim da democracia, onde nós sujeitos-históricos responsáveis pela criação e realização de *inéditos-viáveis* – imprescindíveis para transformar e gerar as verdadeiras mudanças sociais que tanto objetivamos – sendo tratados como criminosos e

arruaceiros, acusados de perturbar a “ordem” social: ordem esta que representa a ordem da discriminação das classes sociais; vemos nossa esperança renovar-se no exemplo e nas leituras de Paulo Freire, um educador consciente e, por isso, efetivamente comprometido com as utopias.

Destacando que:

A utopia freireana está relacionada à concretização dos sonhos possíveis e decorre de sua compreensão da história como possibilidade, ou seja, a compreensão acerca de que a realidade não “é”, mas “está sendo” e que, portanto, pode vir a ser transformada (FREITAS, 2010, p. 413).

Paulo Freire acredita que podemos transformar a realidade através das nossas ações em combate ao discurso fatalista e opressor imposto pelo sistema vigente da nossa atual sociedade, e que estas devem emergir da nossa utopia e de nossa luta para concretizá-la, portanto, da coerência entre o nosso discurso e a nossa verdadeira prática, fazendo de todo ato educativo também um ato político.

Portanto, precisamos todos assumir os riscos, independentemente de qual cargo tenhamos dentro ou fora das escolas, pois todos somos educadores, cidadãos, e por isso, políticos; não precisamos apontar culpados; precisamos ser um grupo com os mesmos ideais e sonhos, olhando na mesma direção; temos que nos entregar, encarnar nossa utopia e agirmos fora da neutralidade cômoda e hipócrita, anunciando nossas opções sem medo ou covardia. Como diria Paulo Freire: “ ‘lavar as mãos’ em face da opressão é reforçar o poder opressor, é optar por ele” (2011, p. 109).

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerente (FREIRE, 2000, p. 33).

Esclarecendo aqui mais uma vez, que utopia não remete em hipótese alguma a algo irrealizável e a sonhos impossíveis. “Utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante” (BLOCH apud FREITAS, 2010, p. 413). Compreendo-a como um combustível, que nega o conformismo imobilizador e alimenta a nossa vontade de lutar em prol dos *sonhos possíveis* sim!

Não podemos, dessa forma, lavar nossas mãos frente às injustiças e desacreditarmos nas pessoas. Pois “a pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo” (FREIRE, 2000). Precisamos e podemos agir coletivamente, somar nossas forças, manter a esperança e

buscar a criação de *inéditos-viáveis* pela realização dos nossos *sonhos possíveis*; nós somos capazes sim!

Precisamos encontrar uma nova forma de enxergar a realidade, ver além dos nossos olhos... Persistir! Sermos teimosos, resistentes, e continuar na luta em prol da *mudança* em nossa sociedade, na busca incessante por novas possibilidades.

Precisamos inventar e reinventar, criar e recriar, ser e vir a ser, *ser mais*, superando nossos medos que nos imobilizam e destroem com a nossa ousadia! Façamos nossas escolhas com seriedade, ética e comprometimento, pois somos responsáveis por tudo aquilo que fazemos ou não.

Sabemos que a educação por si só não é elemento suficiente para a transformação social na qual acreditamos, mas todo o ser humano, consciente e comprometido na sua posição de educador, é capaz de transformar nossa sociedade, através de uma prática assegurada no comprometimento, fazendo de todo ato, um ato educacional e político, de esperança e de luta. Tendo em vista que, “a distância entre o sonho e a realidade é um espaço de luta de criação”(FREITAS, 2000).

Sem jamais perder a esperança, é imprescindível a nós educadores adotarmos fielmente uma postura crítica-reflexiva na busca dos nossos sonhos! Precisamos conscientemente levantar a nossa bandeira em defesa dos nossos direitos, resistindo aos obstáculos criados contra nossa dignidade, sem medo ou vergonha. Valendo-nos do que nos diz Paulo Freire: “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2000, p. 27).

Não podemos parar de lutar por nossos sonhos e ideais nunca, seja através da palavra dita ou escrita, lutar é nosso direito existencial! Faz parte da nossa natureza humana: sonhar e lutar... para realizar!

Referências:

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001. (Série Paulo Freire).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Projeto Sonho Possível: formação permanente do educador. In: *Sonho Possível: Revista de Educação Popular*. Canoas: Centro Universitário La Salle; NUPEP, v.1, n.1, p.16-20, abr. 2000.

_____. *Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. SONHO POSSÍVEL (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 380-381.

_____. UTOPIA (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 412-413.

_____. *Leituras de Paulo Freire: uma trilogia de referência*. v.1. Passo Fundo: Méritos, 2014.

PASSOS, Luis A. FUTURO (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 191-192.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed., ver. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. ESPERANÇA (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 161-162.

TROMBETTA, Sérgio; TROMBETTA, Luís Carlos. ÉTICA (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 166-168.

ZITKOSKI, Jaime José. DIÁLOGO/DIALOGICIDADE (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 117-118.